

20º Encontro Internacional de Música e Mídia: Fly me to the Moon - Dos independentes aos algoritmos

20th. International Music and Media Meeting: Fly me to the Moon! From independents to algorithms

Paula Garcia

Universidade Paulista (UNIP)

contatopaulagarcia@yahoo.com

 C.V. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3396467080937704>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5115-0266>

Recebido em: 05/12/2024

Aprovado em: 20/12/2024

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo elaborar uma resenha sobre a 20ª Edição do Encontro Internacional de Música e Mídia, cujo o tema escolhido foi “*Fly Me to the Moon - Dos independentes aos algoritmos*”. Realizado de 13 a 11 de setembro de 2024 em Santos (SP), o evento explorou a simbologia da Lua como inspiração cultural, abordando conexões entre música, mídia, arte e ciência. A programação reuniu acadêmicos, artistas e pesquisadores em palestras, mesas-redondas e oficinas, destacando temas como produção musical independente, inteligência artificial, resistência cultural e memória. Com sessões temáticas diversificadas, lançamentos de livros, homenagens e performances musicais, o evento reafirmou o papel transformador da música na sociedade. Encerrado com um recital no Museu do Café, o encontro celebrou a convergência entre tradição e inovação, consolidando-se como espaço de diálogo e preservação cultural.

PALAVRAS-CHAVE:

20º Encontro MusiMid; Música e Mídia; Encontro Internacional.

ABSTRACT

This paper aims to present a review of the 20th Edition of the International Meeting on Music and Media, themed “*Fly Me to the Moon: From Independents to Algorithms*.” Held from September 11 to 13, 2024, in Santos, São Paulo, the event explored the Moon's symbolism as a cultural inspiration, addressing connections between music, media, art, and science. The program brought together academics, artists, and researchers through lectures, roundtables, and workshops, highlighting topics such as independent music production, artificial intelligence, cultural resistance, and memory. Featuring diverse thematic sessions, book launches, tributes, and musical performances, the event reaffirmed the transformative role of music in society. Concluding with a recital at the Coffee Museum, the meeting celebrated the convergence of tradition and innovation, establishing itself as a space for dialogue and cultural preservation.

KEYWORDS:

20th MusiMid Meeting; Music and Media; International Meeting.

Lua Nova: O Encontro

Sob a inspiração dos versos eternizados em *Fly Me to the Moon*, o 20º Encontro Internacional de Música e Mídia, ocorrido de 11 a 13 de setembro de 2024 em Santos, litoral paulista, trouxe à tona um rico mosaico de reflexões sobre a simbologia e os impactos culturais da Lua. A canção, escrita bem antes de Neil Armstrong pisar no solo lunar em 1969, é apenas um exemplo de como a arte antecipou, de forma imaginativa, aquele que seria um dos maiores marcos da história humana.

Desde tempos imemoriais, a Lua desperta fascínio e molda tradições. Sua natureza cíclica inspira narrativas de renovação e transformação, ao mesmo tempo em que está associada a instabilidades e mistérios. A influência lunar transcende fronteiras culturais, ecoando tanto nas marés quanto nas canções, na poesia, no imaginário folclórico e nas grandes obras musicais.

Com esse olhar abrangente, o 20º Encontro Internacional de Música e Mídia iluminou as conexões entre arte, ciência e simbologia, celebrando a Lua como ponto de convergência entre o real e o imaginário, reunindo acadêmicos, artistas e pesquisadores de diversas áreas.

Além das reflexões e diálogos proporcionados, o 20º Encontro Internacional de Música e Mídia contou com uma rica programação, composta por três mesas-redondas, palestras e oficinas, reunindo convidados nacionais e estrangeiros em uma jornada de intenso compartilhamento de ideias. Pesquisadores selecionados, após criteriosa avaliação de propostas pelo comitê científico, apresentaram seus trabalhos durante o período da manhã, fortalecendo o intercâmbio acadêmico. Os estudos aceitos serão publicados nos anais do evento, indexados pela Biblioteca Nacional, assegurando o registro e a disseminação das discussões realizadas.

O evento foi acolhido com entusiasmo pelo Museu do Café e pelo Clube do Choro de Santos, no coração do Centro Velho de Santos (SP). Retornar ao local onde tudo começou foi motivo de celebração, especialmente em um ano tão simbólico para o Choro, reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. A colaboração com a diretoria do clube,

representada pela Cibele Palopoli, reafirmou a importância do diálogo entre música, memória e espaço, tornando esta edição uma experiência ainda mais significativa.

Lua Crescente: As Palestras

O evento iniciou com a palestra de abertura intitulada "A indústria fonográfica digital e a produção independente: características e desafios", proferida por Leonardo De Marchi, professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) e membro do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da mesma universidade. A apresentação ofereceu uma visão panorâmica da indústria da música na era das plataformas digitais, analisando sua lógica de funcionamento, ideologia e modelo de negócios, com ênfase nas consequências para o setor independente. De Marchi destacou a relevância da produção independente como um vetor fundamental da economia do streaming, devido à sua capacidade de produção em larga escala e baixo custo.

Contudo, ele também abordou as vulnerabilidades do setor, como a baixa remuneração, a crescente exigência de produtividade, as dificuldades de adaptação à lógica algorítmica dos serviços de streaming e os desafios impostos pela emergência da inteligência artificial generativa. A palestra seguiu uma estrutura que contemplou temas como a formação do streaming, a financeirização da música, os desafios da produção independente e alternativas ao modelo atual, como o uso de NFTs. Por fim, apontou para a necessidade de políticas culturais que auxiliem o setor independente a resistir às pressões do mercado digital.

Já a palestra "Paisagens urbanas, paisagens sonoras: cultura, identidade e produção musical em contexto de plataformização", ministrada virtualmente por Mauricio Ribeiro da Silva, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP-SP) e membro do Grupo de Pesquisas em Mídia e Estudos do Imaginário, bem como do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, propôs reflexões sobre como as cidades, enquanto produtos culturais, organizam espacialmente crenças, rituais e dinâmicas sociais e políticas, constituindo identidades únicas inseridas em contextos mais amplos. Ele destacou que as paisagens sonoras das cidades refletem e fazem parte de suas paisagens urbanas, evidenciando a singularidade cultural de cada espaço.

A fala centrou-se nos impactos do processo de plataformização da produção musical sobre essas identidades urbanas, explorando o papel do streaming, dos algoritmos e da inteligência artificial na conformação das narrativas sonoras das cidades.

Quarto Crescente: As Mesas-redondas

As mesas-redondas realizadas no Museu do Café, com transmissões ao vivo pelo Instagram do MusiMid e futura disponibilização no *YouTube*, foram um espaço privilegiado para debates sobre música, tecnologia e cultura. A primeira mesa-redonda, intitulada "*Moonlight serenade: independentes, inovadores, 'ocultos'*", contou com mediação de Paulo Baptista e abordou as transformações estéticas impulsionadas por selos independentes frente ao domínio das grandes gravadoras.

Gil Nuno Vaz refletiu sobre sua trajetória pessoal na pesquisa da música independente, destacando a expansão das cenas alternativas brasileiras até o início do século XXI. Márcia Tosta Dias analisou experiências emblemáticas da produção musical independente no Brasil, abrangendo o boom dos anos 2000, a Nova MPB e os Racionais MC's, enfatizando o impacto das tecnologias digitais nessas trajetórias. Rodolfo Coelho de Souza apresentou um panorama da Inteligência Artificial na composição musical, revisitando pioneiros como Lejaren Hiller, David Cope e Pierre Barreau, e destacou a relevância das novas tecnologias no campo. Laert Sarrumor compartilhou reflexões sobre sua trajetória como influenciador analógico no grupo Língua de Trapo.

A segunda mesa-redonda, "Banho de lua: Circulação, indústria fonográfica e IA", mediada por Yuri Behr, investigou as dinâmicas de circulação de produções artísticas fora dos moldes tradicionais e o impacto da Inteligência Artificial nesse cenário.

Marcello Gabbay, que teve sua participação em vídeo, discutiu o uso da IA na remasterização de áudios históricos, exemplificado pela recriação da faixa "*Now and Then*" dos Beatles. Darío Tejeda celebrou os 20 anos do programa Música, Identidade e Cultura no Caribe (MIC), destacando suas contribuições à pesquisa e promoção do patrimônio musical caribenho. Cássio Laranja compartilhou bastidores de uma turnê de bossa nova com a cantora coreana Heekyung Na, explorando a internacionalização do gênero. Yuri Behr

trouxe uma perspectiva histórica e cultural ao discutir a atemporalidade do grupo A Barca do Sol, cuja obra transita entre o analógico e o digital, perpetuando sua relevância artística.

Na terceira mesa-redonda, "A lua girou? A música como negócio e empreendimento", com mediação de Juliano de Oliveira, foram explorados os desafios e oportunidades da música em tempos de plataformas digitais e IA.

Déa Bertran traçou um panorama sobre memória e canções, relacionando a música popular brasileira às transformações sociais e culturais ao longo das décadas. Herom Vargas analisou capas de discos do rock brasileiro dos anos 1960 e 1970, destacando sua relação com a contracultura e a construção de sentidos através da imagem. Eugênio Martins falou sobre sua trajetória de vida e da sua relação com a música. Em seu livro "Do Choro ao Jazz" ele homenageia o choro, o samba, a bossa nova e outros ritmos brasileiros, explorando a riqueza e a diversidade musical do país. Juliano de Oliveira discutiu o papel histórico do músico como empreendedor, destacando mudanças trazidas pela Revolução Industrial e a ascensão da burguesia. Ele apontou a falta de formação em empreendedorismo nas universidades de música no Brasil, sugerindo a inclusão de disciplinas voltadas ao gerenciamento de carreira e elaboração de projetos.

Os debates revelaram não apenas o impacto da tecnologia sobre a música, mas também o diálogo contínuo entre tradição e inovação, essencial para a preservação e renovação da cultura musical em diferentes contextos.

Lua Gibosa: As Sessões temáticas

As comunicações orais do evento ocorreram durante as manhãs dos dias 2 e 3, com apresentações de pesquisas que exploraram diversos aspectos da música e da mídia, abordando questões de resistência cultural, história, política e arte.

Anna Victória Barbosa trouxe uma análise da afro-religiosidade e do amor negro no videoclipe "Balaio de Amor", de Bia Doxum, destacando-o como uma forma de resistência às intolerâncias religiosas e ao racismo no Brasil. Darío Tejeda explorou o conceito de "audiências autoritárias", examinando como a música foi instrumentalizada para legitimar discursos autoritários durante a ditadura de Trujillo na República Dominicana. Evaldo

Piccino mapeou a trajetória de Francisco Alves entre os anos 1920 e 1932, investigando sua consolidação como cantor e sua atuação no teatro de revista e na indústria fonográfica.

Guido Agustín Saá apresentou uma análise da concentração e homogeneização cultural na indústria musical entre 1995 e 2010, destacando o impacto do neoliberalismo e das estratégias de produção de ídolos. Juliano de Oliveira promoveu um diálogo inusitado entre Arnold Schoenberg, Robert Moog e Philip Tagg, destacando suas contribuições e o uso da atonalidade e da música eletrônica no imaginário lunar e interplanetário. Luiz Eduardo Neves da Silveira discutiu o videoclipe "Manifesto", do rapper W.I., analisando o rap como ferramenta de resistência decolonial e expressão artística no interior do Espírito Santo.

Marco Resende Rapeli abordou a obra de Criolo, destacando como suas letras refletem o adoecimento mental nas periferias urbanas e promovem a coletivização das experiências de sofrimento e resistência no contexto neoliberal. Rodrigo Vicente Rodrigues analisou a produção de "Carmen" pelo Theatro Municipal de São Paulo em 2024, refletindo sobre o papel da crítica de ópera no século XXI e as tensões entre elementos visuais e musicais. Por fim, Zé Renato Rodrigues apresentou uma investigação sobre cantores que migraram para o gênero sertanejo, discutindo o impacto dessa escolha em suas carreiras e na relação com a cultura popular.

Essas comunicações trouxeram reflexões relevantes e diversificadas sobre a interseção entre música, sociedade e mídia, reafirmando o papel transformador da arte em contextos históricos e contemporâneos.

Lua Disseminadora: O compartilhamento de conhecimento e emoções

Assim como a Lua Disseminadora marca um momento de partilha, onde a luz é refletida em sua plenitude, o 20º Encontro MusiMid também teve momentos de celebração e troca de saberes e emoções.

No Clube do Choro de Santos aconteceu o lançamento dos livros "*Sous le ciel de Paris: A presença da canção francesa no Brasil*" (Heloísa de A. Duarte Valente e Raphael F. Lopes Farias, Editora Selo UFMG, 2024), "*Do choro ao jazz*" (Eugênio Martins Jr., Editora *Mannish Boy*, 2024) e "*La pasión danzaria: música y baile en el Caribe a través del*

merengue y la bachata" (Darío Tejeda, Academia de Ciencias de República Dominicana, 2002, relançamento), com a presença dos autores. Em seguida, membros importantes na história do MusiMid, que não estão mais entre nós, receberam uma homenagem emocionante: Tagg, teórico de referência no campo da musicologia, influenciou decisivamente os trabalhos do grupo; Picchi, músico versátil, contribuiu com valiosos depoimentos, especialmente para os projetos "Canção d'Além-mar" e "O sole mio – A canção italiana na cidade de São Paulo"; e Nancy Alves, que participou ativamente do MusiMid, sobretudo no projeto "*Sous le ciel de Paris*". Encerrando as homenagens, Zé Renato apresentou uma composição inédita em tributo a Nancy Alves.

No Museu do Café, durante a sessão comemorativa "MusiMid – 20 anos de atividades", a coordenadora Heloísa Valente destacou as realizações do grupo no período de setembro de 2023 a agosto de 2024, incluindo uma retrospectiva das duas décadas de encontros.

Na sequência, a oficina "Chorando com metais", conduzida por Paulo Baptista e Zé Renato Rodrigues, trouxe uma abordagem inovadora para o Choro, integrando trompete e outros metais a um gênero onde esses instrumentos têm presença rara, mas marcante. A oficina explorou a história, as técnicas e as nuances estilísticas do trompete, culminando em uma rica experiência de performance coletiva junto com a viola caipira.

De volta ao Clube do Choro de Santos, a flautista Cibele Palopoli, diretora do espaço, convidou os participantes para uma animada roda de choro, que contou com as participações especiais de Paulo Baptista e Zé Renato Rodrigues.

Fechando as interações do encontro, o debate "Choro: Patrimônio Nacional", mediado por Palopoli, trouxe as contribuições de José de Almeida Amaral Junior e Antônio Rago, que discutiram o valor cultural e histórico do gênero.

O encerramento do evento foi marcado por um recital no Salão do Pregão do Museu do Café, com as violonistas Paola Picherzky (violão de 7 cordas) e Flavia Prando (violão de 6 cordas). O repertório incluiu obras de mestres brasileiros, como João Pernambuco e Dilermando Reis, e compositores paulistanos, entre eles Antonio Rago e Armando Neves.

Lua Cheia: O culminar de todas as outras fases

Como a Lua Cheia que ilumina a noite em sua plenitude, o 20º Encontro Internacional de Música e Mídia encerrou-se celebrando a convergência entre conhecimento, arte e emoção. Repleto de diálogos enriquecedores, homenagens emocionantes e performances memoráveis, o evento consolidou seu papel como um marco na construção de pontes entre o passado, o presente e o futuro da música e da mídia.

Ao reunir acadêmicos, artistas e entusiastas em um ambiente que ressoou com a energia criativa e colaborativa, o encontro destacou o poder da cultura como força unificadora e transformadora. Assim como a Lua Cheia reflete a luz em sua máxima intensidade, o MusiMid brilhou ao reafirmar a importância do diálogo entre tradição e inovação, fortalecendo o compromisso com a preservação e a renovação da cultura.

Ao despedir-se de Santos, o evento deixou um rastro luminoso de ideias, memórias e inspirações, que continuará a iluminar novas jornadas no horizonte cultural.

DADOS DO AUTOR

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação da Universidade Paulista (PPGCOM/UNIP), com bolsa PROSUP/CAPEL. Mestre em Comunicação também pelo PPGCOM/UNIP (2022). Graduada em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, pela UNIP (2011), formada em Arte Dramática pelo Teatro Escola Macunaíma (2016) e pós-graduada em Comunicação Pública (2019). Servidora pública desde 2011 na Universidade Federal de São Paulo, atuando no Departamento de Comunicação Institucional. Participante do grupo de pesquisa "Narrativas da memória: representações, identidades e culturas" da Unip.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.